



JUVENTUDE, CULTURA E DESAFIOS

Ana Lucia Hazin Alencar

Fundação Joaquim Nabuco

ana.hazin@fundaj.gov.br

Sueli Pereira Guimarães

Fundação Joaquim Nabuco

sueli.guimaraes@fundaj.gov.br

1-Introdução

As sociedades sofreram, nos últimos anos, inúmeras transformações em decorrência do progresso e dos avanços tecnológicos, produzindo, também, uma significativa modificação nos valores, costumes e comportamentos dos indivíduos. Tal fato gerou novas formas de organização social e de sociabilidade, no sentido de responder aos anseios e expectativas geradas pelo crescente número de inovações.

A juventude também se vê pressionada a se adaptar a esse contexto de mudanças, uma vez que seus comportamentos e estilos de vida refletem os valores da sociedade, em geral, e de suas instituições em determinado momento histórico. Em se tratando da realidade brasileira, os jovens convivem na maioria das situações com a combinação estudo e trabalho, na tentativa de conseguir uma qualificação profissional e a conseqüente inclusão social.

O quadro descrito, no entanto, não é suficiente para representar a diversidade da juventude, entendida aqui como sendo constituída por indivíduos com idades compreendidas entre 15 e 29 anos, recorte etário utilizado pela Secretaria e pelo Conselho Nacional de Juventude. Esse período expressa, de certa forma, o fato de haver, nos dias atuais, um tempo maior dedicado à formação escolar o que leva a uma relativa situação de dependência da família.

2- Juventude e Cultura

A juventude, seus símbolos e práticas vêm sendo objeto do discurso de diversos setores da sociedade seja ele acadêmico, midiático ou político, sobretudo, no Brasil, a partir da segunda metade do século XX.

De acordo com Márcio Pochman (*apud* DE VIZIA, 2010, p. 21)

é nas sociedades urbanas e industriais que a temática da juventude ganha expressão. O Brasil fez a transição da sociedade agrária para a urbana industrial, basicamente da década de 1930 até a de 1980, e esta transição ocorreu num ciclo econômico com forte expansão do nível de emprego, especialmente o emprego assalariado.

Nas décadas de 1980 e 1990 o Brasil cresceu pouco e os jovens tiveram as oportunidades de trabalho muito reduzidas. Eles foram, portanto, como outros segmentos sociais, bastante afetados pelos efeitos da globalização. A juventude passa então a ser percebida como “problema a ser resolvido” no dizer de Regina Novaes (*idem*, p.22).

Foi no final dos anos 1990 que se deu a emergência de ações voltadas ao atendimento dos jovens, sobretudo aqueles em situação de vulnerabilidade social, risco ou transgressão. Não se podia, porém, falar ainda da existência de políticas de juventude até os primeiros anos do século XXI, momento em que diversos setores da sociedade iniciaram um amplo processo de diálogo com o governo sobre a necessidade de instaurar uma política de juventude no país.

Importante para o processo de institucionalização dessas ações foi a criação, no início de 2005, da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) vinculada à Secretaria Geral da Presidência da República, sem *status* de ministério e o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), de caráter consultivo. A Secretaria Nacional de Juventude tem por função integrar programas e ações em âmbito nacional, ampliando também a transversalidade das políticas da juventude. Para isso é importante a articulação com os estados e municípios da juventude que deve ser reconhecida como sendo constituída por sujeitos de direitos.

O conceito de juventude reveste-se de conotações plurais, ao se considerar a sua composição, a situação de classe, o acesso à escolaridade, a família, a nacionalidade, que de certa forma orientam os valores dessas pessoas. A definição de juventude é, portanto, ao mesmo tempo uma condição social e um tipo de representação (Cf. PERALVA, 1997). Ou, como diz Bourdieu (1984), a juventude pode ser apenas uma palavra; ela está em permanente construção social.

O jovem de hoje, não anseia apenas por estudo e trabalho. Ele quer ser um cidadão no sentido pleno do termo, tendo possibilidades e espaços públicos para a realização de esportes, lazer e o desenvolvimento de atividades culturais. Nesse contexto o Estado vem investindo elevados recursos em programas culturais como o Mais Cultura e Cultura Viva.

O Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania¹ – Cultura Viva nasceu em 2004 para estimular e desenvolver no país uma rede de criação e gestão cultural tendo como base os Pontos de Cultura selecionados por meio de editais públicos. Em 2008 o Programa Cultura Viva mudou sua sistemática para descentralizar a implantação dos Pontos de Cultura, reforçando objetivos e metas do Programa Mais Cultura. A nova sistemática constituiu-se na substituição gradual dos convênios realizados com entidades da sociedade civil e alguns governos municipais por convênios diretos com estados e municípios da Federação.

Os Pontos de Cultura são iniciativas que envolvem comunidades em atividades de arte, cultura, educação, cidadania e economia solidária. O Programa estimula a criatividade, propiciando o resgate da cidadania pelo reconhecimento da cultura produzida em cada localidade. São entidades apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Cidadania Cultural.

O Programa Surda Vozes Visuais é um Ponto de Cultura que desenvolve suas ações com base em quatro eixos estratégicos: Memória e Tecnologia, Libras, Oficinas Culturais e Comunicação e Articulação. Essa experiência se desenvolve no Centro Suvag de Pernambuco, instituição sem fins lucrativos que há 30 anos desenvolve trabalhos direcionados à construção e desenvolvimento da identidade e cultura dos sujeitos surdos, em parceria com a associação de Surdos de Pernambuco (ASSPE) um espaço de articulação dessa comunidade no Estado.

¹ As informações gerais contidas nesta página sobre o Programa Cultura Viva e os Pontos de Cultura têm como base o site do Ministério da Cultura.

O eixo Memória e Tecnologia é direcionado ao levantamento e atualização das informações, fazendo o resgate da história dos surdos que remonta aos anos 1950, através da pesquisa de documentos, depoimentos e entrevistas com pessoas surdas.

Dessa forma, eles constroem sua identidade que não é, nem pode ser considerada igual à dos outros portadores de deficiências: cada um tem a sua história, a sua identidade, uma vez que não existe uma identidade universal para os diferentes. O que os surdos sentem é o preconceito e a discriminação por viverem numa sociedade onde os ouvintes, diferentemente deles são tidos como “normais”.

Esse registro é de fundamental importância para essa categoria, uma vez que os surdos não têm sua história escrita. O surdo é um sujeito visual já que é com e através dos olhos que eles têm a possibilidade de conhecer o mundo.

O depoimento dado por um surdo que trabalha com o resgate da história surda foi colhido em entrevista realizada no Centro Suvag, no Recife com o auxílio de uma tradutora de LIBRAS. O fragmento da entrevista transcrito a seguir, demonstra a importância do resgate da memória na construção da identidade desses jovens.

Hoje com esse trabalho de resgate da memória surda nós já temos muitos registros, os ouvintes têm muitos livros de sua história. Aqui em Pernambuco tem muitos livros, muitos materiais escritos que emocionam. Os surdos não têm esse material escrito, praticamente zero, então nosso trabalho é pioneiro com o objetivo de ter um registro escrito através da pesquisa. Mesmo que esses surdos venham a falecer, a história vai ficar viva, porque a gente tá conseguindo manter isso guardado e os surdos futuramente se emocionarão contando a sua própria história, a primeira história dos surdos, como eram as disciplinas..., como eram a libras..., é isso.

A identidade é algo que o sujeito constrói ao longo de toda a sua vida, através do processo de socialização, com as inúmeras e constantes interações sociais que estabelece. É, portanto, mutável e, ainda, múltipla e, segundo PERLIN (1998) empurra o sujeito em diferentes posições, já que é algo que está em constante processo de construção móvel.

Os deficientes auditivos passam por um processo de construção de identidade igual, em sua essência, ao daqueles que não possuem deficiência. Por outro lado, ao longo desse processo de formação, encontram de certa forma, alguns entraves criados pelos ouvintes, como as regras que lhes são impostas e mesmo a negação da identidade



do sujeito surdo, dado que as diferenças ainda não foram de todo superadas. Por esse motivo, de acordo com PERLIN (1998, p. 53), “a identidade surda sempre está em proximidade, em situação de necessidade com o outro igual. O sujeito surdo nas suas múltiplas identidades sempre está em situação de necessidade diante da identidade surda”. Os surdos precisam da identificação com seus iguais para, assim, sentirem-se fortalecidos para afirmar sua própria identidade diante da sociedade - composta, em sua maioria, por ouvintes.

Defende-se que a construção da identidade surda depende da língua de sinais, uma vez que ela se torna o principal meio de comunicação dos surdos, sendo através dela que eles se relacionam com os seus semelhantes e, assim, compartilham idéias, valores, costumes etc.

Muitos categorizam o surdo como um deficiente. Nesse caso a identidade surda se define pelo que ela não é. Portanto, é marcada pela diferença. Uma diferença que corriqueiramente é percebida pelos outros como falta, negação, inferioridade e, geralmente deficiência e conseqüente exclusão; é criada a partir da narrativa do outro, não sendo construída pelo próprio sujeito.

Para Longman (2005, p.11) “o deficiente é também uma construção cultural criada pelos Outros que não se incluem nessa classificação. Não é uma expressão de liberdade dos outros que são classificados como deficientes”.

Pode-se dizer ainda que tal classificação é uma representação social uma vez que existe um compartilhamento de significados, opiniões, crenças ou juízos de valor em relação ao diferente. Entretanto, os indivíduos podem ou não se conformar a essas representações através de seus comportamentos (Cf. PAIS, 2003).

Esses aspectos são relevantes, uma vez que o jovem surdo vive em sociedade e a intersubjetividade é importante na construção da identidade. Como diz Tillich (*apud* MAFFESOLI, 1996, p. 265 “apenas pertencemos ao mundo através de uma comunidade de homens. E só podemos ir em descoberta de nossa alma, utilizando o espelho dos homens que nos olham”).

Através do Programa Vozes Visuais, Ponto de Cultura, em Recife – PE, os jovens especiais porque são surdos, realizam atividades culturais entre as quais se destacam as oficinas de teatro, demonstrando sua capacidade de trabalhar com arte, através da encenação de peças teatrais como, Pedra do Reino , Andar Sempre Para Transformar e Paixão dos Sentidos. Nessas atividades substantiva-se a capacidade de expressão de crianças e jovens que compõem o elenco que encena as peças. Contribui

para o desabrochar desses talentos a vontade de se comunicar que não se faz oralmente, mas através dos gestos e do corpo que fala.

Os encontros, as participações nos grupos e oficinas de teatro fortalecem os laços sociais entre os iguais e alicerçam o sentido de pertencimento a uma comunidade e a uma cultura que é construída por esse grupo social.

É também através das expressões artísticas que os jovens surdos expressam sua subjetividade, enquanto constroem suas identidades e sua cultura.

No dizer de Strobel (2008, p.24),

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e hábitos do povo surdo.

A cultura é o resultado da produção de gerações passadas e atuais contando com as perspectivas futuras, sonhos e desejos, tidos como motivação para dar continuidade à sua história.

O fato de os surdos se encontrarem em posição desprivilegiada quanto ao registro histórico - esse é feito, em sua maior parte, pelos ouvintes - é motivo da existência de recalques sociais. Visando à superação dessa história, os deficientes auditivos, em Pernambuco, buscam resgatar suas várias conquistas ao longo do tempo.

Entre elas destaca-se a permissão do uso da LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais, que é uma língua gestual e visual. Reconhecida pelo decreto nº 5626, que regulamenta a lei nº10. 436/02 é considerada um grande avanço para a inclusão social das pessoas surdas.

O eixo “Libras” , do Programa Surdas Vozes Visuais destina-se à formação em língua brasileira de sinais, através de uma metodologia inovadora conduzida por um profissional surdo. Os cursos promovem a difusão da língua e a valorização da cultura surda, conforme a afirmação de Strobel (2011, p.1)

É preciso que haja cada vez mais respeito à língua e cultura do surdo, que é diferente e não deficiente. Sonhamos também com surdos cada vez mais politizados e participativos[...] o povo surdo junta nas mãos os sonhos: quer ter mais conquistas, como as leis, os intérpretes de língua de sinais, mais professores surdos, professores bilíngües, expulsar os medos e enfrentar o mundo novo com a valorização de sua identidade, língua e diferença cultural.

Fundamentais também no processo de construção identitária dos jovens são as Oficinas Culturais: este eixo capacita e promove a formação de multiplicadores surdos nas áreas de artes visuais e cênicas, para que possam dar continuidade às ações nas suas comunidades.

Através de programas culturais, como o teatro, os surdos conseguem atenuar diferenças existentes historicamente, a partir do momento em que se colocam na posição de produtores da cultura e buscam não só construir, como registrar sua própria história. Essa construção coletiva traz uma visibilidade maior para o jovem surdo, mostrando o seu potencial transformador e fazendo com que sejam respeitadas as suas diferenças.

A menina surda de 10 anos que participou da encenação da peça Pedra do Reino, fala da sua alegria em ser atriz:

Já convidei todos meus amigos. Eles sempre me perguntam como é que uma menina surda pode ser atriz. Quero mostrar como é. A mãe da aluna fala da importância do teatro na vida de sua filha que tem ajudado muito, não só no desenvolvimento escolar, como também, nas relações sociais dos surdos entre eles próprios e com as outras pessoas.

Nessas expressões artísticas os jovens surdos expressam sua subjetividade, enquanto constroem suas identidades. Para Bourdieu, a identidade se define e afirma na diferença, sobretudo, nas diferenças entre as classes quando se manifestam as distinções simbólicas. A construção da identidade decorre ainda do ser percebido por si mesmo e pelos outros. Isso é possível na participação desses jovens nas atividades culturais desenvolvidas.

Por fim, as atividades do eixo Comunicação e Articulação têm como objetivo evitar o isolamento do surdo e de sua comunidade, realizando ações com um público diferente através do diálogo entre seus familiares e a sociedade em geral , promovendo

assim uma maior integração através de atividades de esporte e lazer que se realizam nos dias de sábado, nomeado então “Sábado Cultural”.

Esses encontros propiciam o desenvolvimento da sociabilidade que o lazer permite nos momentos de encontros prazerosos. Ajudam também na integração da família, fortalecendo os laços existentes entre os pais e seus filhos, sejam eles crianças, adolescentes ou jovens. Para que a família mantenha sua unidade, sua integração, o sentimento de ser família, é necessário “um verdadeiro trabalho de institucionalização” ritual e técnico, ao mesmo tempo em que visa instituir, de maneira duradoura em cada um dos seus membros, os sentimentos adequados à integração que é a condição de existência e persistência dessa unidade (CF. BOURDIEU, 1996, p.129).

3- Considerações Finais

A juventude enfrenta nos dias atuais desafios provavelmente bem maiores que os seus pais vivenciaram. A gama de opções que as novas tecnologias oferecem propiciam ao jovem a liberdade de escolher entre as diversas possibilidades apresentadas para serem consumidas, seja em relação ao esporte, ao lazer ou à cultura. É indubitável que as dificuldades vão crescendo à medida que o jovem apresenta algum tipo de deficiência, sendo muitas vezes estigmatizado o que dificulta o processo de integração social. Essa foi, por exemplo, a situação de muitos surdos no passado, que viviam em situação de isolamento relativa, pela dificuldade de comunicação.

Não se pode esquecer que a população mundial é formada em sua quase totalidade por indivíduos que têm a capacidade de ouvir. Isso traz aos jovens surdos enormes dificuldades de afirmação na sociedade, não só enquanto indivíduos, mas também enquanto grupo, enquanto comunidade surda. Nesse caso, a visão passa a ser um sentido primordial para o conhecimento do mundo que o rodeia, para a construção cultural e integração social.

O surdo tem como sua segunda língua a portuguesa, que é considerada a língua oficial do Brasil, e a Libras, como sua primeira língua. É através dos sinais que os jovens surdos expressam suas emoções e seus desejos. O surdo precisa ser reconhecido nessa sociedade, ser um sujeito político, Ter os seus direitos de cidadão e se fazer respeitado com a sua cultura e a sua língua e na aceitação das diferenças. Precisa ser incluído na sociedade, ser um membro social e ter os mesmos direitos dos ouvintes.

Alguns fatores precisam ser revistos na “sociedade dos ouvintes”, uma vez que a pouca comunicação existente entre surdos e ouvintes se dá pela falta do conhecimento da língua de sinais por esses últimos e pelo desinteresse em socializá-la como meio de comunicação, por considerá-la inútil. De outro lado, há um conhecimento insatisfatório da língua portuguesa - oral e escrita - pelos surdos. Assim, percebe-se que a comunicação surdos-ouvintes encontra entraves na falta de fluência das línguas.

Acreditando no potencial do surdo, Strobel ressalta que a história cultural surda pode ser comunicada de várias maneiras: “utilizando da língua de sinais, desenhos, expressões faciais, corporais, imagens visuais, artes, movimentos de lutas, criações, pedagogias...”. Para tanto, seria necessário que os surdos se sentissem incluídos nessa sociedade.

O jovem surdo precisa ser reconhecido, ser um sujeito político, ter os seus direitos de cidadão e se fazer respeitar com a sua cultura e a sua língua. Precisa ser incluído na sociedade, ser um membro social e ter os mesmos direitos dos ouvintes. Em busca desses objetivos, a luta do surdo, da comunidade surda tem continuado. Hoje, envereda por caminhos como o das artes cênicas. Nas apresentações teatrais, eles têm se posicionado como sujeitos produtores de cultura, mostrando sua capacidade de desenvolver atividades que muitos achavam serem restritas aos ouvintes. O fato de exercerem diferentes papéis na sociedade reforça o sentimento de pertencimento aos diferentes grupos sociais e a construção da identidade surda.

4- Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE, S. F. **Uma história, vários atores e algumas memórias.** Monografia. Recife: 2009.

BOURDIEU, P. **Questions de sociologie.** Paris: Lês Editions de Minuit, 1984.

_____ **Razões práticas sobre a teoria da ação.** SP: Papyrus, 1996.

CONJUVE. Conselho Nacional de Juventude. Disponível em www.juventude.gov.br
Acesso em 3/06/2011.



CULTURA. Ministério da Cultura. Secretaria de cidadania social. Disponível em www.cultura.gov.br Acesso em 15/09/2010

DE VIZIA . **Como nossos pais?** Desenvolvimento. IPEA. Março/abril de 2010.

LONGMAN, L.V. Por uma política de não-classificação. *In: Estudos Surdos- Novas Perspectivas- Pernambuco*, Jan. 2005.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MORAIS, M. de L. S. e **Conflitos e (m) brincadeiras infantis**: diferenças culturais e de gênero. 2004.

PAIS, J.M. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, 1997.

PERLIN, G. Identidades surdas. *In: BERGAMACHI, R.I.; MARTINS, R. Discursos atuais sobre a surdez*. Canoas: La Salle, 1996. Disponível em <http://www.ines.gov.br/paginas/revista/debate3.htm>.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.